

**A DANÇA  
DOS OSSOS**  
**ANTOLOGIA DO  
CONTO GÓTICO  
LUSO-BRASILEIRO**

---

Organização e Notas de  
**RICARDO LOURENÇO**

Prefácio de  
**ANTÓNIO MONTEIRO**

LIVRO **B**

## ÍNDICE

*Prefácio, de António Monteiro* .....9

### AUTORES PORTUGUESES

O Defunto (1895), *por Eça de Queirós*.....23

A Dama Pé-de-cabra (1843), *por Alexandre Herculano*.. 59

    Trova Primeira .....59

    Trova segunda .....65

    Trova Terceira .....76

A Caveira (1855), *por Camilo Castelo Branco* .....93

A Torre Derrocada (1864),  
*por Alberto Osório de Vasconcelos* ..... 115

O Mistério da Árvore (1896), *por Raul Brandão* ..... 129

O Corvo (1893), *por Fialho de Almeida* ..... 135

A Feiticeira (1908), *por Ana de Castro Osório*..... 141

A Morta (1931), *por Florbela Espanca*..... 171

Os Canibais (1865-66), *por Álvaro do Carvalho*..... 179

Uma Récita do Roberto do Diabo (1861),  
*por Júlio César Machado*.....231

O Cadáver (1896), *por Beldemónio* .....253

Sede de Sangue (1909),  
*por Manuel Teixeira Gomes*.....261

A Estranha Morte do Professor Antena (1913),  
*por Mário de Sá-Carneiro*.....283

## AUTORES BRASILEIROS

Noite na Taverna (1855), <i>por Álvares de Azevedo</i> .....	313
A Dança dos Ossos (1871), <i>por Bernardo Guimarães</i> .....	379
Os Porcos (1903), <i>por Júlia Lopes de Almeida</i> .....	403
Acauã (1893), <i>por Inglês de Sousa</i> .....	411
Violação (1899), <i>por Rodolfo Teófilo</i> .....	423
Maibi (1908), <i>por Alberto Rangel</i> .....	455
Assombração (1898), <i>por Afonso Arinos</i> .....	469
11 e 20 (1904), <i>por Medeiros e Albuquerque</i> .....	497
Demônios (1893), <i>por Aluísio Azevedo</i> .....	519
O Defunto (1907), <i>por Thomaz Lopes</i> .....	557
A Causa Secreta (1885), <i>por Machado de Assis</i> .....	565
O Bebê de Tarlatana Rosa (1910), <i>por João do Rio</i> ..	579
Confirmação (1914), <i>por Gonzaga Duque</i> .....	589
Os Olhos Que Comiam Carne (1932), <i>por Humberto de Campos</i> .....	599

## ÁLVARES DE AZEVEDO

Poeta, contista, dramaturgo e tradutor, Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831–1852) nasceu em São Paulo. Com dois anos mudou-se com os pais para o Rio de Janeiro, cidade onde realizou os primeiros estudos. Em 1848, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde criou amizade com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Foi nessa época que fundou a revista da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano e produziu grande parte da sua obra. Em 1852, enquanto passava férias com a família no Rio de Janeiro, sofreu uma queda de cavalo que lhe provocou um tumor na fossa ilíaca, devido ao qual se submeteu a uma operação. Acabou por não resistir à cirurgia, que, alegadamente realizada sem recurso a anestesia, resultou em septicemia, morrendo assim com apenas 20 anos.

Publicada postumamente, em 1855, a colectânea *Noite na Taverna* foi um dos primeiros textos brasileiros com elementos fantásticos. A obra destaca-se também pelo facto de Álvares de Azevedo se libertar das convenções da época, expondo os vícios e os crimes de um grupo de boémios, numa sucessão de histórias que tratam os temas mais insólitos e macabros, como a necrofilia, o canibalismo e o infanticídio, sendo evidente a influência de Lord Byron.

Dado o encadeamento dos contos de *Noite na Taverna*, assim como o ambiente marcadamente gótico dos mesmos, apresentamos aqui a obra na íntegra.

## NOITE NA TAVERNA

«How now Horatio? You tremble and look pale  
Is not this something more than fantasy?  
What think you of it?»

SHAKESPEARE, *HAMLET*. ATO I

### I

#### Uma noite do século

Bebamos! nem um canto de saudade!  
Morrem na embriaguez da vida as dores!  
Que importam sonhos, ilusões desfeitas?  
Fenecem como as flores!

José Bonifácio

— Silêncio! moços! acabai com essas cantilenas hor-  
ríveis! Não vedes que as mulheres dormem ébrias,  
macilentas como defuntos? Não sentis que o sono da  
embriaguez pesa negro naquelas pálpebras onde a  
beleza sigilou os olhares da volúpia?

— Cala-te, Johann! enquanto as mulheres dormem e Arnold-o-louro cambaleia e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que música mais bela que o alarido da saturnal? Quando as nuvens correm negras no céu como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia como a luz de uma lâmpada sobre a alvura de uma beleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

— És um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relâmpago que passa e ri de escárnio às agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortualhas do cólera!

— O cólera! e que importa? Não há por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda às ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lâmpada da vida na lanterna do crânio?

— Vinho! vinho! Não vês que as taças estão vazias e bebemos o vácuo, como um sonâmbulo?

— É o Fichtismo na embriaguez! espiritualista: bebe a imaterialidade da embriaguez!

— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá taverneira, não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os lábios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrifa de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após dos vapores do vinho os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! A taverneira aí nos trouxe mais vinho: uma saúde! O fumo é a imagem do idealismo, é o transunto de tudo quanto há mais vaporoso naquele espiritualismo que nos fala da imortalidade da alma! e pois, ao fumo das Antilhas, à imortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um *urrah!* tríplice respondeu ao moço meio ébrio.

Um conviva se ergueu entre a vozeria: contrastavam-lhe com as faces de moço as rugas da fronte e a roxidão dos lábios convulsos. Por entre os cabelos prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Falou:

— Calai-vos, malditos! a imortalidade da alma! pobres doudos! e porque a alma é bela, por que não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces belas da virgem morta, não podeis crer que ele morra? Doudos! nunca velada levastes porventura uma noite à cabeceira de um cadáver? E então não duvidastes que ele não era morto, que aquele peito e aquela fronte iam palpitar de novo, aquelas pálpebras iam abrir-se, que era apenas o ópio do sono que emudecia aquele homem? Imortalidade da alma! e por que também não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! não mil vezes! a alma não é, como a Lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! a vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas: o que era um corpo de mulher vai porventura transformar-se num cipreste ou numa nuvem de miasmas: o que era o corpo do verme vai alvejar-se no cálice da flor ou na fronte da criança mais loura e bela: como Schiller o disse, o átomo da inteligência de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vo-lo direi: se entendeis a imortalidade pela metempsicose, bem! talvez eu a creia um pouco: pelo Platonismo, não!

— Solfieri! és um insensato! o materialismo é árido como o deserto, é escuro como um túmulo! A nós fontes queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crenças frias! A nós os sonhos do espiritualismo!

— Archibald! deveras, que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espírito puro ajoelhado no seu manto argênteo, num oceano de aromas e luzes! Ilusões! a realidade é a febre do

libertino, a taça na mão, a lascívia nos lábios, e a mulher seminua trêmula e palpitante sobre os joelhos.

— Blasfêmia! e não crês em mais nada: teu ceticismo derribou todas as estátuas do teu templo, mesmo a de Deus?

— Deus! crer em Deus! sim como o grito íntimo o revela nas horas frias do medo, nas horas em que se tiritava de susto e que a morte parece roçar úmida por nós! Na jangada do naufrago, no cadafalso, no deserto – sempre banhado do suor frio – do terror é que vem a crença em Deus! Crer nele como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas se entendeis por ele os ídolos que os homens ergueram banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de mármore de há cinco mil anos! – não creio nele!

— E os livros santos?

— Miséria! quando me vierdes falar em poesia eu vos direi: aí há folhas inspiradas pela natureza ardente daquela terra como nem Homero as sonhou – como a humanidade inteira ajoelhada sobre os túmulos do passado mais nunca lembrará! Mas quando me falarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios daquele povo estúpido – eu vos direi – miséria! miséria! três vezes miséria! Tudo aquilo é falso – mentiram como as miragens do deserto!

— Estás ébrio, Johann! O ateísmo é a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Espinosa, o judeu, e o esoterismo crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira filosofia é o epicurismo. Hume bem o disse: o fim do homem é o prazer. Daí vede que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós que amarelecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a ciência é falsa e esquiva, que ela mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem! muito bem! é um *toast* de respeito!

— Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam-no: Ao Deus Pã da natureza, aquele que a Antiguidade chamou Baco o filho das coxas de um Deus e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome – o vinho.

— Ao vinho! ao vinho!

Os copos caíram vazios na mesa.

— Agora ouvi-me, senhores! entre uma saúde e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carnicheiro no cepo gotejante – o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos – como Hoffmann os delirava ao clarão dourado de Johannisberg!

— Uma história medonha, não, Archibald? — falou um moço pálido que a esse reclamo erguera a cabeça amarelenta. — Pois bem, dir-vos-ei uma história. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da frente grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

— Solfieri! Solfieri! aí vens com teus sonhos!

— Conta!

Solfieri falou: os mais fizeram silêncio.

## II

### Solfieri

«... Yet one kiss on your pale clay  
And those lips once so warm — my heart! my heart!»

BYRON, *CAIN*

Sabeis-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição:  
na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito

da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a Lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a Lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. A face daquela mulher era como de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela, e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto se calou. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu a ninguém – saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a Lua sumira-se no céu, e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui – ali – além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo, a criatura pálida não fora uma ilusão – as urzes, as cicutas do campo santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços, e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei à Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava: no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Barbora. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra – sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do deleite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... era uma defunta – e aqueles traços todos me lembraram uma idéia perdida... — Era o anjo do cemitério? — Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e o algoz, «do cadáver sem cabeça e o homem sem coração» como a conta Brantôme? Foi uma idéia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe à noiva. Era uma forma puríssima. Meus sonhos nunca me tinham evocado uma estátua tão perfeita. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros

dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármo-  
res antigos. O gozo foi fervoroso – cevei em perdição  
aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas  
janelas. – Àquele calor de meu peito, à febre de meus  
lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida  
parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados.  
– Luz sombria alumiou-os como a de uma estrela entre  
névoa – apertou-me em seus braços – um suspiro  
ondeou-lhe nos beiços azulados... Não era já a morte –  
era um desmaio. No aperto daquele abraço havia  
contudo alguma coisa de horrível. O leito de lájea onde  
eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude  
a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse  
instante ela acordou...

Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um pesadelo  
horrível aquele que gira ao acordado que emparedam  
num sepulcro; sonho gelado em que se sentem os  
membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas  
alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar des-  
maiara. Embrucei-me na capa e tomei-a nos braços  
coberta com seu sudário como uma criança. Ao apro-  
ximar-me da porta topei num corpo: abaixei-me – olhei:  
era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormira  
de ébrio esquecido de fechar a porta...

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas aí?

A noite era muito alta – talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa?

Serás acaso um roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte – era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo  
morno. Era a vida ainda.

— Vede — disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beijos ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

— Boa noite, moço: podes seguir — disse ele.

Caminhei. Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo – e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem-me, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta ela acordou. O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto – e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. — Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite saí – fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera – e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. – Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. — Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano – noite a noite – dormi sobre as lajes que a cobriam... Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo...

Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entrevistest pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia, e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça. — Bebeu-a. — Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra — eu vo-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la.

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vedes-la? murcha e seca como o crânio dela!

### III

#### Bertram

«But why should I for others groon  
When none will sigh form me?»

CHILDE HAROLD, I

Um outro conviva se levantou.

Era uma cabeça ruiva, uma tez branca, uma daquelas criaturas fleumáticas que não hesitarão ao tropeçar num cadáver, para ter mão de um fim.